

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MELISSA GONÇALVES ZAMBRANO DA SILVA

O PAPEL DO PROFESSOR E O LUGAR DA FAMÍLIA NO ENSINO DE VIOLINO

**Bagé
2016**

MELISSA GONÇALVES ZAMBRANO DA SILVA

O PAPEL DO PROFESSOR E O LUGAR DA FAMÍLIA NO ENSINO DE VIOLINO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Eugenia Lopardo

**Bagé
2016**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
Pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

da Silva, Melissa Gonçalves Zambrano
O PAPEL DO PROFESSOR E O LUGAR DA FAMÍLIA NO ENSINO DE
VIOLINO / Melissa Gonçalves Zambrano da Silva.
55 p.

d586p Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do
Pampa, MÚSICA, 2016.
"Orientação: Carla Lopardo".

1. Ensino e Aprendizagem Musical. 2. Família. I. Título.

MELISSA GONÇALVES ZAMBRANO DA SILVA

O PAPEL DO PROFESSOR E O LUGAR DA FAMÍLIA NO ENSINO DE VIOLINO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Música.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 01 de dezembro de 2016

Banca examinadora:

Prof. Dra. Carla Lopardo
Orientadora
Unipampa

Prof. Me. André Müller Reck
Unipampa

Profa. Elaine Martha Daenecke
Unipampa

Dedico este trabalho aos meus pais, a minha irmã e ao meu esposo por todo incentivo e ajuda para que esse sonho fosse possível.

AGRADECIMENTO

Primeiramente a Deus que me permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nesses anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode ter e conhecer.

Aos meus pais que sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente, e por isso me ensinaram esta arte divina que é a música desde a minha concepção.

Ao meu esposo que nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo sempre me apoiou e fortaleceu e que para mim foi muito importante.

Agradeço também a esta universidade, pela a oportunidade de fazer o curso contribuindo para a janela que hoje vislumbro.

A minha orientadora Carla Lopardo, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

E por fim a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“A música exprime a mais alta filosofia
que a razão não compreende”

Arthur Schopenhauer

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo identificar a influência que a família exerce no processo do desenvolvimento da criança durante o aprendizado do violino, bem como o papel do professor e suas escolhas metodológicas. A pesquisa tem embasamento nas concepções de Scoggin (1993), Ávilla (2006) e Salles (2014) os quais fundamentam acerca de métodos ativos na educação musical, Oliveira e Morato (2015) sobre a influência dos pais na transmissão dos ensinamentos musicais e Dayrell (2000) no contexto das vivências das crianças fora do âmbito familiar. O referencial teórico-metodológico, com base nas perspectivas de Gerhardt e Silveira (2009), trata sobre a abordagem qualitativa e aborda as técnicas de produção de dados com autores como Gil (2008), Flick (2009) e Stake (2010). O método escolhido é o estudo de caso, com observações de duas alunas de violino de uma instituição de ensino público na cidade de Bagé, bem como, a realização de entrevistas com as famílias e com o professor do instrumento. Os resultados da pesquisa estão centrados na relação entre a aprendizagem musical, as escolhas metodológicas do professor, o lugar que a família ocupa nesses processos e suas funções no desenvolvimento musical do aluno. A pesquisa conclui como estes aspectos influenciam o desempenho musical do aluno ressaltando a construção do vínculo com o instrumento através da prática motivadora, da participação ativa e influenciadora da família aliada à escola como agente cultural e social.

Palavras-Chave: ensino e aprendizagem musical; ensino de violino; família.

ABSTRACT

This research aims to identify the influence the family has on the child development process during the violin learning, as well as the teacher's role and their methodological choices. The research is based on the concepts of Scoggin (1993), Ávilla (2006) and Salles (2014), which are based on the active methods in the musical education, Oliveira and Morato (2015) about the parents' influence on the transfer of musical teaching and Dayrell (2000) about the context of the children experiences outside the family environment. The theoretical methodological reference based on the perspectives of Gerhardt and Silveira (2009), deals with the qualitative approach and discusses the techniques of data production with authors like Gil (2008), Flick (2009) and Stake (2010). The method chosen is the case study, with observations of two violin students from a public schooling institution in the city of Bagé, as well as the performance of interviews with the families and the musical instrument teacher. The results of the research are centered in the relation between the musical learning, the methodological choices of the teacher, the place that the family takes on those processes and their roles on the student's musical development. The research brings to a conclusion of how those aspects influence the student's musical development, highlighting the bond construction with the musical instrument through the motivating practice, the active and influencing participation of the family combined with the school as a cultural and social agent.

Keywords: musical teaching and learning; violin teaching; family

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Justificativa.....	11
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	12
2.1 Ensino de violino: alguns métodos.....	12
2.2 Desenvolvimento nos processos de ensino e aprendizagem musical.....	14
2.3 Influência da família no aprendizado do violino.....	16
2.4 Aprendizagens musicais.....	18
3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	22
3.1 Metodologia: abordagem qualitativa.....	21
3.2 Estudo de caso.....	23
3.3 Observação não participativa e entrevista semiestruturada.....	24
3.4 Técnicas de produção de dados.....	25
3.5 Escolha dos casos.....	26
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	30
4.1 Um olhar a respeito do procedimento de análise.....	30
4.2 Categorias resultantes da análise dos dados.....	33
4.2.1 Desenvolvimento no estudo do violino.....	33
4.2.2 Espaços e tempos de aprendizagem.....	36
4.2.3 Métodos utilizados.....	39
4.2.4 O papel da família.....	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
6 REFERÊNCIAS.....	50
7 ANEXOS.....	53

1 INTRODUÇÃO

Aprender a tocar um instrumento sempre foi um sonho de infância. Desde pequena ficava imaginando-me em um concerto e qual seria o lugar onde estaria tocando. Ao completar dez anos de idade meus pais me presentearam com um violão e assim comecei meus estudos de música. Logo em seguida, fui matriculada no Instituto Municipal de Belas Artes, o IMBA, que havia na cidade em que residia, sempre obtendo o incentivo e o apoio da minha família, que desde sempre me levava para as aulas e, às vezes, ficava me observando até o momento de ir embora. Na adolescência, ao mudar de cidade, descobri o som do violino e que a vontade de começar a tocar era muito grande. Foi quando procurei juntamente com minha mãe o IMBA, na cidade de Bagé para aprender este instrumento. Ao começar meus estudos de violino neste instituto, a partir do Método Suzuki, foram surgindo muitos questionamentos.

A aprendizagem do instrumento através desse método me fez refletir e tentar entender qual o motivo de ser implementado de tal forma. Quais resultados eu conseguiria com o estudo? O que motivava o professor a escolha do método? Como esse método era implementado? Qual é a importância do apoio da família nessa fase de estudos? Qual é o lugar da família nesse contexto? Com isso sempre busquei observar atentamente os ensinamentos que me eram passados pelo professor e, assim, executar da melhor maneira possível com o intuito de melhorar a minha própria formação.

Os métodos que descrevo neste trabalho, além do Método Suzuki, são voltados ao ensino infantil, o que não impede que adultos também aprendam através da sua abordagem. A filosofia do método Suzuki, em particular, se baseia na presença da família e no incentivo ao estudo e prática do instrumento, sendo cada aula adaptada à realidade do aluno visando à necessidade individual do mesmo, contribuindo para o seu desenvolvimento, o que me faz pensar qual o motivo que leva alguns alunos obterem resultados tão variáveis.

Dada a relevância do tema, o meu foco foi observar a importância da família através da abordagem do método Suzuki, entre outras propostas metodológicas, e analisar estes processos de ensino e aprendizagem com diferentes alunos, tendo o

olhar voltado para o estudo de caso de duas alunas de um instituto de música da cidade de Bagé/RS. As perguntas que nortearam o meu trabalho são: Quais métodos de ensino do violino são utilizados por parte do professor? Qual a influência da família no aprendizado do violino? Como interage família e instituição no aprendizado do instrumento?

1.1 Justificativa

A escolha do presente tema, como objeto de estudo, justifica-se pelo fato de ser relevante para a área de educação musical, visto que o método Suzuki tem um grande potencial educativo para aprendizagem musical de instrumento, desde criança até a fase adulta.

Como nunca saciei minha vontade de aprender e entender o papel da família nesta área, através do trabalho busco tais respostas com o intuito de realizar um aporte para a educação musical esperando que seja de relevância para atuais e futuros alunos de violino e educadores musicais que interessam-se por tais conhecimentos, úteis para os seus aprendizados.

O objetivo principal desta pesquisa é identificar qual a influência da família no aprendizado de violino, suas contribuições e limitações para, assim, compreender a concepção metodológica a partir das escolhas do professor de violino.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Ensino de violino:alguns métodos

Visando o estudo das contribuições de Suzuki e de sua abordagem, especialmente, no que diz respeito ao papel da família, cumpre expor rapidamente principais ideias e contribuições a respeito do ensino da música.É importante destacar as principais ideias de Suzuki para compreendermos como e por quê da construção de seu método tal qual é explorado:

A abordagem pedagógica de Suzuki é, 'mais do que um simples método de ensino instrumental, [...] uma verdadeira filosofia educacional que propõe uma nova leitura da criança instrumentista, do talento, do papel da socialização na aprendizagem instrumental e do potencial da educação musical na vida humana'. (ILARI e MATEIRO, 2012, p. 187).

A filosofia e abordagem de Suzuki baseiam-se no princípio de que todas as pessoas têm capacidade para desenvolver suas habilidades musicais, assim como para aprender sua língua materna. Esse desenvolvimento inclui a memória, a concentração, a perseverança, alto grau de sensibilidade, disciplina, capacidade de rítmica e criatividade.

Para Scoggin (1993), o processo de aprendizado e qualificação do instrumentista de cordas, no Brasil, é prejudicado por uma série de problemas relacionados à tradição musical do país, à disponibilidade de ensino básico, superior e de pós-graduação qualificados, ao número de professores capacitados, à obtenção de instrumentos e materiais correlatos e ao mercado de trabalho. A partir dessa perspectiva, podemos afirmar que o Brasil tem uma carência de investimentos principalmente na área musical das próprias escolas que muitas vezes não consideram o ensino de música como um aspecto relevante na formação integral do aluno (SCOGGIN, 1993).

Ávila (2006), no seu trabalho, apresenta dois métodos de ensino de violino, sendo eles, Suzuki e Martenot, os quais são denominados como métodos ativos, caracterizados por considerar a experiência prévia do aluno, os conhecimentos e as vivências que os alunos carregam, defendendo a ideia de que se aprende música a partir do fazer, da experiência vivida pelo aluno, sendo assim, o aluno participa de

todas as etapas do aprendizado e do fazer musical, relevante no seu desempenho e desenvolvimento.

Conforme Suzuki (1994), o método baseia-se em três patamares fundamentais, tais como, a imitação, o estímulo e, o mais importante deles, o afeto, intimamente ligado ao viés filosófico do método. Seus milhares de alunos consideram que puderam desenvolver a sensibilidade, por haverem sido bem tratados na infância e por haverem tido uma relação bonita e especial com seus pais, peça fundamental do método. Sob estes princípios, pertinentes à tradição japonesa, segue a instrução no método Suzuki: o clima em que participa a família na educação das crianças é um ambiente de cooperação, não de competição; o cuidado de rever e repetir até alcançar a segurança e a maestria; o timbre dirigido ao desenvolvimento da audição, a apresentação de modelos adequados com base na cortesia, na amabilidade e na paciência. É, todavia, um sistema vulnerável pela possibilidade de abusos por parte de praticantes que o compreendem de maneira errônea como, por exemplo, famílias que não levam em consideração o desenvolvimento natural de seus filhos, forçando-os ao treinamento deixando de lado o vínculo que o aluno deve construir e explorar junto ao seu instrumento, numa relação de familiarização e identificação com essa prática.

O método Martenot reforça, também, que a prática precede à teoria. O professor deve garantir um ambiente de alegria e experimentação para que o aluno adquira o conhecimento, mesmo o mais complexo. Acredita-se que o relaxamento é condição para a aquisição de qualquer conteúdo; a imitação e a criação precedem à leitura; utiliza-se de palavras rítmicas; parte da escala pentatônica de Fá; a voz precede o instrumento; a qualidade da interpretação em seus mínimos detalhes é exigida e o ritmo é assimilado e exteriorizado por meio do movimento corporal, entre outros aspectos. Martenot emprega o solfejo absoluto, mas para o desenvolvimento do canto utiliza palavras melódicas, um treinamento à base de intervalos com enquadramento tonal móvel, no qual se movimenta a mão no espaço, como visualização de uma grafia analógica relacionada com esse movimento e a entoação sobre a sílaba "lu". Dessa forma, suas atividades fundamentais são a audição, o canto e a leitura. Sua fórmula rítmica inicial emprega a colcheia pontuada e a semicolcheia no lugar do grupo de duas colcheias.

É indispensável articular o que e como para ensinar efetivamente, para o desenvolvimento das capacidades e habilidades, que geram competências no aluno,

de modo que ele se torne capaz de apropriar-se significativamente de diferentes saberes e fazer uso destes em sua vida Ilari(2012).Para Salles (2014), existem outros três métodos de ensino relacionados com as práticas de violino, entre eles, o método de Paul Rolland, de KatóHavas e a Pedagogia Waldorf.

O método Paul Rolland baseia-se no princípio que a postura adequada ao tocar gera um som exuberante, pois só assim faremos o uso natural do corpo e o som sairá com menos esforço dando liberdade de expressão. Rolland critica o ensino tradicional que se concentra unicamente no movimento dos dedos, sacrificando o conforto físico em prol de resultados rápidos, mas não tão eficazes. Sugere que a ação deva ser desenvolvicionista e remediadora, possibilitando a prevenção de possíveis problemas de ordem física, como, por exemplo, tendinites e outros tipos de dores.

A pedagogia Waldorf baseia-se no ensino de música considerando as diferentes características de crianças e adolescentes, respeitando a fase de desenvolvimento em que se encontram. Na escola Waldorf os alunos não repetem de ano e também não passam por avaliações nas quais sejam atribuídas notas. Por ser considerada uma pedagogia holística, utiliza-se de paisagens, imagens, canto e o sentir das coisas, do mundo. É um ensino livre com características específicas para cada idade, sendo assim, apropria-se de técnicas expandidas adaptadas para cada instrumento, predeterminando o aluno para um desenvolvimento artístico mais amplo, contemplando diversas músicas e estilos musicais que normalmente não seriam usados no ensino de violino. Tudo com o propósito de apanhar, estruturar e adaptar a metodologia para o violino.

2.2Desenvolvimento nos processos de ensino e aprendizagem musical

A música está presente em nossas vidas desde sempre, ela realiza uma grande influência na vida humana. Ela está intimamente ligada a aspectos da vida cultural de sociedades de diferentes épocas. Com o passar do tempo, os modos de construção dos gostos musicais foram transformando-se por diversos fatores como, por exemplo, a grande influência da mídia junto ao desenvolvimento da tecnologia.

Sales(2013) sugere que o aluno, especialmente a criança, aprende a tocar um instrumento por meio da prática frequente, mas sempre inserido num meio que o

estímulo, com acompanhamento adequado da família, motivado pela audição das músicas que compõem o método.

A abordagem de Suzuki é baseada em uma analogia, que o próprio Suzuki concebeu, entre a aprendizagem da música e a aquisição da língua materna pela criança:

[...] aprendizagem natural da língua materna corre em um ambiente de estímulo e convivência social, sempre com o reforço e a gradativa ampliação vernacular. Na música, o mesmo sistema ocorre por um processo simples de imitação e repetição permeado de afetividade e tendo como base a experiência oral e observação atenta que prepara para integração (SALES, 2013, p. 223)

Assim, condições sociais interferem no aprendizado musical, podendo contribuir no aprimoramento da prática de forma a aperfeiçoar o aprendizado. Nesse sentido é que, em sua abordagem, Suzuki concede valor ímpar à participação dos pais ou familiares no aprendizado do aluno.

A prática instrumental é estimulada desde cedo e é mediada pelo professor e pelos pais que se inserem no método como potenciais corresponsáveis pelo sucesso na aprendizagem Assim, se forma o triângulo Suzuki: pais – aluno – professor, onde uma parceria e uma postura ativa desenvolvidos no processo de ensino aprendizagem” (SALES, 2013, p. 223).

Conforme Betti (2010), atualmente as tecnologias têm contribuído muito com o aprendizado e desenvolvimento de crianças e adolescentes em várias áreas, e principalmente na música. As famílias, por sua vez, disponibilizam aos seus filhos tais equipamentos, como uma forma de demonstração de afeto, suprimindo a falta de tempo ou de convívio entre as famílias, como forma de recompensa. Neste sentido, Betti (2010) menciona que:

Quando a fala da criança está em suas primeiras etapas de desenvolvimento, torna-se invariável que os adultos de seu meio, a cada nova palavra pronunciada, respondam a esses momentos com inúmeros estímulos de ordem cognitiva e afetiva, algo considerado fundamental no processo de maturação linguística (BETTI et al, 2010, p.2)

Considerando a música uma das atividades indispensáveis para o progresso em diversas áreas da criança, destacando o processo cognitivo, ela pode ajudar toda sua evolução, e por tal motivo ela deve ter uma valorização principalmente no espaço escolar com o intuito de intensificar sua imaginação, linguagem, atenção

memória, dentre outras habilidades, além de contribuir de forma eficaz no processo de ensino e aprendizagem.

A música ajuda no aprendizado de forma prazerosa e estimula a vontade de aprender do aluno principalmente em sua iniciação e desenvolvimento:

Desde o surgimento dos instrumentos musicais até os dias de hoje, a transmissão de conhecimentos relativos à execução usufruiu de metodologias pedagógicas diversas, caminhando paralelamente às conjunturas histórico-culturais. A institucionalização do ensino musical surgiu não apenas como ferramenta para o ensino de instrumentos musicais, mas como uma forma de suprir as necessidades histórico-culturais que se apresentavam, inserindo o saber musical na academia (CERQUEIRA, 2009, p18).

Sob esta perspectiva, almeja-se que as metodologias relatadas pelo autor possam fornecer um aporte para a realização e o sucesso da implementação de métodos necessários para o aprendizado e estudo no instrumento, visando assim um notável aumento de resultados positivos em relação à prática instrumental.

2.3 Influência da família no aprendizado do violino

Conforme Oliveira e Morato (2015) uma dificuldade de sentidos e intenções delimita-se na aprendizagem musical de crianças nas relações com seus pais, ela pode vir pelo projeto cultural e projeção dos pais, pela observação, pela afetividade ou pelo hábito familiar, pode também vir acompanhada de sentimentos dúbios e divergentes, e também pode ser ainda pela importância que o próprio indivíduo dá a sua vontade de compreender música. A intenção de transmissão do conhecimento musical dos pais a seus filhos anda lado a lado com as práticas escolares.

Bossa (1998), afirma que mais do que responsáveis pela qualidade de vida, os pais são concebedores do aparelho psíquico dos seus filhos. O ser humano nasce em um meio de total falta de autonomia e depende absolutamente dos adultos que estão em seu convívio. Ainda que essa criança traga uma carga genética que também age em suas ações futuras, o afeto e o vínculo familiar ficam em evidência acima da genética quando se fala de educação musical. Neste sentido, para Machado (2015),

Os sentimentos que os pais transmitem à criança, durante os anos que antecedem à escola, são de extrema importância para o desenvolvimento

da aprendizagem escolar da criança. A dificuldade que os pais têm de demonstrarem afeto e carinho por seus filhos pode fazer com que eles se inibam, se retraiam no contato com outras pessoas, e seu desenvolvimento sentimental e emocional pode ser abalado trazendo consequências em sua vida. O afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação e conseqüentemente perguntas ou problemas nunca seriam colocados (MACHADO, 2015, p. 1).

Um dos grandes temas educacionais debatidos atualmente se refere à relação família e escola, que é essencial para o bom aproveitamento acadêmico do aluno. A presença afetiva dos pais na vida de seus filhos é um dos fatores determinantes do sucesso escolar (SILVA, 1998).

Ferreira (2012) a partir de uma pesquisa realizada em sala de aula com participação das famílias chegou à conclusão de que de uma forma geral, os alunos com melhor desempenho nos indicadores de observação das fichas de aulas foram aqueles cujos pais fizeram o maior número de intervenções positivas, que consistiam em passar diversas atividades onde eles acrescentavam dicas e conselhos aos seus filhos através de jogos motivacionais sendo os tutores no estudo. Diferente do grupo de controle onde os alunos não recebiam o incentivo dos pais, as aulas eram somente através de estímulos da professora, obtendo um resultado negativo se falando em aspectos relacionados à motivação. O autor também relata, em relação às rotinas de estudo, que a sua implementação e cumprimento foram mais bem-sucedidos no grupo experimental. Em termos de frequência de estudo, o grupo de alunos com pais participantes apresentou um número bastante mais elevado de sessões de estudo.

Estas informações revelam-se muito importantes no sentido de comprovar que um envolvimento dos pais a este nível pode produzir maior sensibilização dos mesmos para a necessidade da rotina de estudo dos filhos. A participação nas aulas parece torná-los mais conscientes não apenas dessas necessidades, mas da sua responsabilidade no desenvolvimento da aprendizagem das crianças.

No estudo de Oliveira e Morato(2015), as autoras relatam o caso de uma aluna mencionando as dificuldades em relação ao conteúdo das suas aulas de teoria musical. Segundo a entrevistada, a matéria era aprendida apenas para passar nas provas. A aluna relata que não era possível aprender uma matéria nova, se as informações anteriores, que ajudariam na compreensão das novas, fossem esquecidas. Quando ela não compreendia os elementos da teoria musical, sentava

com seu pai e estudava tudo que não aprendia em aula. Nestes momentos o pai lhe explicava as suas dúvidas, sempre atencioso e paciente, nunca lhe criticando os erros, pelo contrário, a cada acerto ela era recompensada com um beijo, sempre demonstrando carinho e afetividade como forma de incentivo. Assim, tudo aquilo que a aluna não entendia e não conseguia fazer nas aulas do conservatório, em casa, com seu pai, ficava bem mais fácil de compreender e resolver.

A partir dos autores estudados podemos compreender a importância do papel da família, influenciando diretamente e de forma marcante na vida da criança tanto com as atitudes que vão ter em sua vida como nos aspectos relacionados à aprendizagem musical especificamente. Pais presentes são indispensáveis para um melhor desempenho, seja no apoio moral ou no ensino prático e teórico, desde que de forma positiva.

2.4 Aprendizagens musicais

A organização dos espaços na educação infantil é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, desenvolvendo suas potencialidades e propondo novas habilidades: motoras, cognitivas ou afetivas. As aprendizagens que ocorrem dentro dos espaços disponíveis e ou acessíveis à criança são fundamentais na construção da autonomia, sendo ela a própria construtora de seu conhecimento. O conhecimento se constrói a cada momento em que a criança tem a possibilidade de poder explorar os espaços disponíveis a ela.

Para Hank (2016), o papel do adulto no espaço de aprendizagem da criança é o de um ser mais experiente que promove as interações, que planeja e organiza atividades com o objetivo de buscar o desenvolvimento integral das potencialidades da criança através das relações no espaço que ele oferece. O educador deve apresentar uma proposta voltada para o bem-estar da criança, buscando melhorar a sua prática elaborando novas alternativas de construir o conhecimento do grupo como um todo, facilitando as interações, promovendo e construindo espaços adequados para as crianças (HANK, 2006).

Segundo Protilho e Hoça (2005), no processo de aprendizagem tradicional todos os alunos são expostos ao mesmo tipo de atividades, sendo ensinados nos mesmos tempos e avaliados de igual forma, pelo contrário, deve-se considerar que cada um tem seu ritmo, seu tempo, sua experiência adquirida, busca o incentivo de

peças e lugares diferentes de acordo com suas vivências e de onde vem e estudam, concebendo e estruturando, assim, seus espaços-tempos de aprendizagem. Por isso, vale refletir sobre a questão do tempo e do espaço no planejamento das atividades escolares, que representa uma base muito importante para o desenvolvimento de pedagogias auxiliando alunos e professores (PORTILHO e HOÇA, 2005).

A escola transforma-se em um lugar de encontro de pessoas diversas, possibilitando a convivência com a diferença, de uma forma muito rica e distinta do que representa o espaço da família, ao qual as crianças estão acostumadas e familiarizadas. O espaço escolar possibilita lidar com características divergentes, havendo oportunidade para os alunos falarem de si, trocarem ideias e sentimentos. Potencialmente, permite a prática de viver em grupo, enfrentar as diferenças e os conflitos (DAYRELL, 2000).

Neste sentido, a pesquisa de Bólico (2014), teve como objetivo compreender um dos contextos sociais em que a música pode ser inserida, como o da família. Nesta pesquisa foi possível perceber que conhecer os processos pedagógicos que são desenvolvidos entre os membros de uma família não se restringe como única motivação dos que praticam música neste contexto, elencando também as influências do cotidiano que, para Souza (2008), é um meio rodeado e imerso num conjunto de relações e significações culturais. Na educação musical, esse tipo de pesquisa pode auxiliar o educador musical a repensar seus caminhos musicais assim como a construção de sua identidade musical e dos seus alunos.

Hank (2006) afirma que:

É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções [...] nessa dimensão o espaço é entendido como algo conjugado ao ambiente e vice-versa. Todavia é importante esclarecer que essa relação não se constitui de forma linear. Assim sendo, em um mesmo espaço podemos ter ambientes diferentes, pois a semelhança entre eles não significa que sejam iguais. Eles se definem com a relação que as pessoas constroem entre elas e o espaço organizado (HANK, 2006, p.02)

Segundo Ágria e Hoça (2002), a escola hoje em dia enfrenta um momento de desacomodação ou reorganização pedagógica. Considerando que para muitos educadores as salas de aula não são espaços para práticas de ensino passivas o aluno tem sua voz ativa também, pois ele não vem “vazio” trazendo em sua trajetória

um conhecimento prévio do grupo em que vive. Há muitas experiências significativas relatando práticas pedagógicas inovadoras que ultrapassam as barreiras colocadas pelos antigos modelos educacionais ao longo dos anos e acreditam nas potencialidades do aluno e do professor, tais como, a pedagogia Waldorf como um das pedagogias holísticas da educação em geral; e os métodos ativos da educação musical, entre eles, o Dalcroze, o Kodàly e o Suzuki.

Conforme se analisa e questiona sobre o tempo, o espaço e a aprendizagem, nos deparamos com a força do gerenciamento e da sistematização técnica, que ainda impede a reorganização de tempo e espaço, pois defronta-se ainda com obstáculos em modelos pré-estabelecidos pelo sistema educacional em todas as áreas, nos documentos, nos calendários, nos horários, nos turnos e espaços. O estímulo que nos cerca é de alguma forma tentar ultrapassar essas barreiras já estabelecidas para dar lugar a um progresso significativo para atender melhor às demandas da escola atual.

3REFERENCIAL METODOLÓGICO

Neste capítulo apresento os autores que serviram de referência para a escolha do método adotado na construção deste trabalho. Posteriormente, será apresentada a abordagem qualitativa e sua relevância neste contexto, as técnicas de produção de dados e os procedimentos adotados para a análise dos resultados.

A pesquisa pode ser compreendida como um:

procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolver-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados (GIL apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p.12).

Assim, a pesquisa possui papel preponderante na metodologia científica tendo em vista que possibilita a aquisição de novos conhecimentos dentro da “realidade social”. Podemos entender como realidade social aspectos relativos ao homem em seus múltiplos relacionamentos com outros homens e instituições sociais. Dessa forma, “o conceito de pesquisa pode ser aplicado em diversos campos das ciências sociais”, onde permeia a educação musical (GIL, 2008, p.45). As pesquisas têm objetivos específicos e podem, de acordo com sua natureza, serem distinguidas em diversos grupos. A pesquisa adotada no desenvolvimento do tema tem natureza descritiva, pois:

Pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou um fenômeno ou estabelecimento de relação entre variáveis [...] Uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coletas de dados (GIL, 2008, p.47).

No mesmo sentido, a pesquisa descritiva exige que o seu pesquisador colete informações sobre seu objeto de pesquisa, pois este tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de certa realidade (TRIVIÑOS, apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009). Esta pesquisa nasceu mediante a constatação de problemas na área do ensino e aprendizagem em música, compete a ela explicar de que forma

este problema foi suscitado. Cientificamente “problema é qualquer questão não solvida e que é objeto de discussão, em qualquer domínio do conhecimento” (GIL, 2008, p. 52).As razões que suscitaram a pesquisa a respeito do tema já apresentadas na introdução deste trabalho, situam-se em torno do desejo de conhecer a importância da contribuição do ambiente familiar no desenvolvimento do aprendizado do violino, principalmente, da influência dos pais sobre os alunos enquanto crianças.

3.1 Metodologia: abordagem qualitativa

Nesta pesquisa, optei por adotar uma abordagem qualitativa pelo fato de compreender que não há preocupações com representatividades numéricas, mas sim a compreensão do aprendizado musical de alunos. Regras acerca do procedimento científico ora têm seguido orientação de utilizar procedimentos objetivos na pesquisa, ora, tem buscado parâmetros subjetivos. No primeiro caso, estudiosos estabelecem como regra tratar dos fatos sociais como coisas. É recomendado que o pesquisador adote uma postura de neutralidade em relação ao fenômeno pesquisado, pois a ciência “é uma disposição para aceitar fatos, mesmo quando eles se opõem aos desejos” (SKINNER, apud GIL, 2008, p. 48). Esta recomendação é importante para evitar a subjetividade que pode distorcer a realidade não somente pelas implicações complexas e sutilezas do fato, mas também por causa da predisposição de quem o observa (GIL, 2008, p.48).

Pesquisadores que utilizam a abordagem qualitativa desejam o porquê das coisas “exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas, nem se submetem a provas de fato, pois os dados analisados são não métricos e se valem de diferentes abordagens” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 32). Dessa maneira, a abordagem qualitativa deseja compreender e explicar as relações sociais, ou seja, aspectos da realidade não mensuráveis e variáveis, tal qual objeto deste trabalho.

Para as autoras Gerhardt e Silveira (2009), método “(do grego, *methodos*, significa, literalmente, ‘caminho para se chegar a um fim’) é, portanto, o caminho em direção a um objetivo; metodologia é o estudo do método, ou seja, é o corpo de regras e procedimentos estabelecidos para realizar uma pesquisa” (GERHARDT e

SILVEIRA, 2009, p.11). Sendo assim, a metodologia é um aspecto muito importante porque reúne o conjunto de processos e instrumentos utilizados na atividade de produção de dados visando encontrar respostas à situação-problema.

Os métodos indicam os meios técnicos de processar uma pesquisa. Um método tem por objetivo proporcionar ao investigador os meios técnicos que garantam a objetividade no estudo dos fatos, estes “visam fornecer a orientação necessária a realização da pesquisa social, sobretudo no referente a obtenção, processamento e validação dos dados pertinentes à problemática que está sendo investigada” (GIL, 2008, p.34).

3.2 Estudo de caso

O estudo de caso é um procedimento investigativo que define a maneira de se proceder metodologicamente possibilitando a aproximação e compreensão da realidade a ser investigada. Assim sendo, investiga-se uma pessoa, um grupo, abordando um aspecto da realidade, visando descrevê-la, que é o caso do procedimento adotado nesta pesquisa. O estudo de caso é um procedimento comum em estudos sociais visto que:

[...] pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador (FONSECA, apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 39)

Exemplos comuns para este tipo de estudo são os focalizados em uma unidade: pode ser um indivíduo, grupo pequeno, uma instituição, um evento, uma escola, ou ainda podemos ter estudos de casos múltiplos conduzidos simultaneamente: vários professores, várias instituições.

Nesta seção apresento o método de pesquisa e, seguidamente, como foram produzidos os dados para o tipo de pesquisa realizada em torno deste trabalho,

mostrando a relevância do método adotado para o desenvolvimento do tema. É importante ressaltar que a literatura teórico-metodológica empregada neste estudo qualitativo teve como referências principais as propostas de Flick (2009) e Stake (1999), as quais discutem a abordagem da pesquisa qualitativa, aprofundando, sistematizando e reforçando o uso do estudo de caso no ramo da educação.

Os conceitos apresentados pelos autores são uma fonte para estabelecer comparações ou subsídios nos dados coletados além de constituir fontes secundárias de dados. O uso de sua literatura facilita, para os investigadores, a construção de conhecimentos da área da Educação Musical.

3.3 Observação não participativa e entrevista semiestruturada

Vários métodos podem ser escolhidos para uma pesquisa. Neste trabalho utilizei observação. Com frequência “dois ou mais métodos são combinados. Isto porque nem sempre um único método é suficiente para orientar todos os procedimentos a serem desenvolvidos ao longo de uma investigação”(GIL, 2008, p. 34-35). Adotei o método observacional posto que ele é um conjunto de procedimentos suficientemente gerais para possibilitar o desenvolvimento de uma investigação.

Para Gil (2008), embora não existam regras fixas acerca do que se observar, há fatores significativos que devem ser considerados pelos pesquisadores: a) os sujeitos, quem são, quantos são, suas idades, que movimentos do corpo expressam; b) o cenário, onde as pessoas estão? Quais as características do local? Com que sistema social se identifica?; c) o comportamento social, o que ocorre realmente em termos sociais? Como as pessoas se relacionam? De que modo fazem? Que linguagem utilizam? O registro dessa observação se faz por meio de diários ou cadernos de notas durante a ocorrência do fenômeno ou gravadores, filmadoras, câmeras fotográficas, dentre outros (GIL, 2008)

3.4 Técnicas de produção de dados

As técnicas de produção de dados escolhidas para esta pesquisa são a observação não participativa, as entrevistas semiestruturadas e os diários de campo gerados a partir das observações e notas de campo. A entrevista pode ser definida como:

A técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico em que uma das partes busca coletar dados e outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 2008, p, 109).

É uma das técnicas mais utilizadas para pesquisas sociais, objetivando orientação e diagnóstico além da produção de dados, considerada uma técnica por excelência. Enquanto técnica, revela conteúdos acerca do que as pessoas “sabem, creem, esperam, sentem, ou desejam, pretendem fazer, fazem, ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes” (SELLTIZ, apud GIL, 2008, p. 109).

A entrevista semiestruturada consiste numa técnica de produção de dados onde o pesquisador organiza um conjunto de questões ou roteiro sobre o tema estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramento do tema principal.

O roteiro é uma lista de tópicos que o entrevistador segue durante a entrevista. Ele considera a distribuição do tempo para cada área ou assunto, apresentando uma formulação de perguntas, cujas respostas podem ser descritivas e analíticas para evitar respostas dicotômicas, como sim ou não, focando a atenção para manter o controle dos objetivos a serem atingidos.

Foi adotada para este trabalho a técnica de entrevista participativa além da observação como fontes múltiplas de dados. A entrevista é um ótimo instrumento para coletar a diversidade de descrições e interpretações que as pessoas têm sobre a realidade. O investigador qualitativo tem, na entrevista e nos seus meios de coleta de dados, um instrumento adequado para captar essas realidades múltiplas (STAKE, 1999). A entrevista é considerada uma interação verbal entre, pelo menos, duas pessoas: o entrevistado, que fornecer respostas, e o entrevistador, que pede esta

informação e a partir de uma organização e interpretação adequada, extrair conclusões sobre o estudo em causa (MEIRINHO e OSÓRIO, 2010).

Portanto, a entrevista foi a técnica escolhida na pesquisa para compreender a situação que permeia o papel da família no aprendizado musical. As situações-problema em torno das quais oriento a pesquisa deste trabalho são as seguintes: Quais métodos de ensino do violino são utilizados por parte do professor? Qual a influência da família no aprendizado do violino? Como interage família e instituição no aprendizado do instrumento?

Escolhi este instituto de música, pois fui aluna da instituição por muitos anos e, ao ter proximidade com as pessoas e com o ambiente, isso que facilitou minha entrada no campo. De acordo com Flick (2009), a questão de acesso a pessoas e instituições ou campos de pesquisa é importante para um pesquisador; é necessário que ele encontre seu caminho e orientação em torno de seu campo para perceber a rotina indiscutível e familiar do grupo pesquisado.

3.5 Escolha dos casos

Durante quatro semanas observei as aulas de violino de duas alunas que faziam aula em conjunto, com o mesmo professor e horário. Uma tinha 9 anos e outra 12 anos e o motivo da escolha da faixa etária se restringe ao objeto do estudo, que é o papel do professor e a influência do ambiente familiar no desenvolvimento da aprendizagem musical. Elas tinham aulas uma vez na semana, no período da tarde, com duração de uma hora dividida entre as duas alunas. Vale ressaltar que a aluna de 09 anos tem problemas auditivos, por isso fala baixo na aula e o professor solicita à aluna para que fale mais alto, o que pode, por momentos, criar algum tipo de desconforto no contexto da aula.

O professor não possui formação de nível superior, é músico militar componente da banda do exército, e realizou aulas particulares durante quatro anos, com uma professora de violino através de um projeto de extensão da Universidade Federal de Santa Maria. Sendo assim, direcionei-me para o desenvolvimento do tema pesquisado a partir da escolhido método de estudo de caso escolhendo como modos de produção de dados as observações desenvolvidas em sala de aula e as entrevistas semiestruturadas com o professor e as famílias das

alunas envolvidas nas práticas de ensino. Durante as aulas fazia a produção dos dados por meio de anotações digitais sobre o que observava no ambiente, tais como, postura pedagógica do professor, expressões dos alunos, implementação do método de ensino, vínculo aluno-professor. A entrevista com o professor foi feita em sala de aula, no IMBA, durante os intervalos das aulas. Já as entrevistas com as mães das alunas foram feitas uma no local de trabalho de uma delas e a outra em sua casa.

A documentação por meio de anotações são um meio clássico na pesquisa qualitativa. As notas devem conter elementos essenciais e informações sobre o andamento da observação (FLICK, 2009). Essas notas devem ser feitas o mais rápido possível. A demora pode introduzir recursos artificiais na relação com sujeitos e na interação com o campo de pesquisa. Em seguida, aliei ao método de observação a técnica da entrevista semiestruturada elaborando um roteiro para coletar dados quanto à forma de implementação do método pelo professor, a receptividade deste método pelos alunos e o acompanhamento do estudo fora do ambiente escolar.

A entrevista é composta das seguintes perguntas direcionadas ao professor e família:

Figura 1: roteiro da entrevista dirigida ao professor

Professor:

- 1- Quais são os métodos usados por você no ensino de violino?
 - 1.1- Como são implementados?
- 2- A partir da sua própria experiência como professor, quais as maiores dificuldades encontradas no ensino do violino?
- 3- Existem obstáculos por parte dos alunos a serem superados ao longo das aulas?
- 4- Se sim, como são superados?
- 5- As famílias dos alunos acompanham as aulas e ou seu desenvolvimento? Se sim, como acontece?

Figura 2: roteiro da entrevista dirigida a família

Família:

- 1- O que motivou à escolha desse instrumento?
 - 1.1 Foi por própria escolha ou por indicação de alguém?
- 2- Como são concebidas as aulas de violino por parte do seu filho/a? hobbie? atividade de lazer? Obrigação? Compromisso?
- 3- O que mais o seu filho/a gosta das aulas de violino? E o que não gosta?
- 4- Como ele/a estuda? Sozinho, acompanhado, com a presença de alguém da família?
- 5- Onde estuda? Quais espaços são ocupados para o estudo do instrumento? E em quais momentos?
- 6- Quanto tempo é destinado ao estudo do instrumento?
 - 6.1- Como a família organiza o tempo de estudo?
 - 6.2- Quais alterações ocorrem na rotina familiar em função desta atividade?

Saberia identificar onde se encontra a maior dificuldade do seu filho/a para avançar na sua prática?

Figura 3: Roteiro de observação

- 1 - Organização da sala, espaço físico.
- 2 - Professor em relação aos métodos desenvolvidos, recursos, estratégias.
- 3 - Resposta dos alunos, motivações, estímulos.
- 4 - Relação interpessoal, vínculo, trocas.

Com isto foram gerados sete diários de campo, sendo quatro das observações feitas em sala de aula com as aulas, e dois feitos a partir das entrevistas com duas mães das alunas e um construído pela entrevista concedida pelo professor de violino.

Nesta abordagem, pesquisador e entrevistado têm muita importância. A capacidade de comunicarem constitui um instrumento preponderante na coleta dos dados. Por isso, o pesquisador não deve assumir um papel neutro no campo no que diz respeito a seus contatos com os sujeitos de sua observação ou pessoas entrevistadas (FLICK, 2009).

4ANÁLISE DOS DADOS

4.1. Um olhar a respeito do procedimento de análise

Esta seção trata-se da análise dos dados produzidos a partir das entrevistas realizadas com o professor de violino junto a duas mães de alunas e das observações à respeito das aulas ministradas pelo professor. As minhas observações, enquanto pesquisadora, dizem respeito do método implementado em relação ao ensino de violino e da abordagem realizada pelo professorbem como da aprendizagem por parte das alunas frente ao procedimento adotado pelo docente.

Ao realizar asentrevistas, uma série de questões pertinentes ao cumprimento do objetivo desta pesquisa foi suscitada. Para apresentar uma análise é importante, salientar as discussões destacadas na realização da entrevista, tais como: método utilizado, etapa cognitiva, método de estudo pelo aluno, organização do tempo de estudo pelo aluno, dedicação do aluno ao estudo, apoio da família, importância do professor no processo de aprendizagem.

Assim, no momento da entrevista, através de uma conversa informal e um roteiro elaborado,tanto o professor de violino quanto as famílias, foram conduzidos a fim de detalharem a maneira como trabalhavam e percebiam essas questões nos alunos e seus filhos, respectivamente. Cabe destacar que todos os participantes deste estudo aceitaram utilizar seus nomes, cada vez que forem citados, para os fins da pesquisa.

Na perspectiva deFlick (2009), tanto o entrevistado quanto o entrevistador têm um papel preponderante no momento da produção de dados, por isso, uma postura informal e não neutra é aconselhável no momento de contato do pesquisador com as pessoas que são sujeitos de sua observação.

Com relação ao apoio da família à criança que está estudando, no que tange ao acompanhar o desenvolvimento, o professor Marcelo afirma, primeiramente, que há muito pouco envolvimento, mas que "sempre tem alguém". Entretanto, quando questionado se algum pai comparecia nas aulas para acompanhar o desempenho da criança ele responde que "não, não vem". O professor relata na entrevista que quando o aluno pede pra ele conversar com os pais a respeito de alguma dificuldade ou conflito em relação ao estudo, ele orienta a criança a que ela mesma fale com os

pais a respeito das aulas. A posição é controversa, já que o professor acha que deve haver um envolvimento maior da família:

Melissa: Sim. Tá. E agora a última. A família dos alunos acompanham as aulas e seu desenvolvimento? Se sim, como isso acontece?

Marcelo: Muito pouco, muito pouco, né.

Melissa: Mas tem alguém que vem? Se interessa em saber, ou tenta acompanhar?

Marcelo: Sim, tem, tem.

Melissa: E como é [como = Marcelo: eventualmente tem né é que?][Tá?

Marcelo: É que tem aquela... casos assim. Do aluno que... que a gente vê que não... que não tem interesse com... e as vezes manda dizer para os pais e... tu não tem uma resposta muito efetiva assim.

Melissa: Tu não fala com os pais? É isso?

Marcelo: É, ou... ou tu fala: “Conversa com teu pai sobre isso” né. [tá] Porque tu tá estudando? Ou se tu quer continuar no curso por que as vezes o aluno não tem tanto [mas vir aqui] interesse né. E tu não pode mandar o aluno embora, também né. [sim]mas as vezes tem... eu não sei, o aluno... ele... apesar de não ter o interesse, ele vem na aula, as vezes. / Não... e apesar de a gente dizer “conversa com teu pai, se realmente é isso que tu quer”

Melissa: Mas aqui, nas aulas. Não vem alguma mãe saber, algum pai acompanhar a aula. Vê como é que tá indo. Ou não? OU mais assim, tu manda o aluno em casa [não]. Não muito

Marcelo: Não, não vem (Trecho da entrevista realizada com o professor Marcelo, 23 de setembro de 2016).

No que se refere ao envolvimento dos pais na aprendizagem de seus filhos, as respostas encontram contradições, e também, uma preocupação dos pais em oportunizar o estudo aos filhos e o desejo de que progridam, embora o pouco envolvimento constatado na inalteração das rotinas domésticas.

Uma das mães, ao ser questionada quanto à escolha da filha pelo instrumento respondeu que o violino não foi a escolha dela, pois a criança queria outro instrumento que está gostando e que seu objetivo não é hobby mas um compromisso, entretanto, seguindo a entrevista, com relação ao compromisso da filha com o estudo, a mãe expressa que a filha tem dificuldades com a dedicação ao estudo fora da sala de aula no ambiente da casa, mas que realiza apresentações musicais para a família que demonstra apreciação pela performance da criança. A mãe relata que a família comprou um espelho e adaptou à altura da criança o que

demonstra interesse pra conceder boas condições de estudo à filha. Também responde quanto ao tempo de estudo que é determinado por ela, 30 minutos duas vezes na semana e descreve a dificuldade de organizar no ambiente familiar esse horário que, na visão da mãe, deveria ser ampliado. A mãe acha que a maior dificuldade no aprendizado e nas etapas cognitivas é a pouca dedicação da filha que prioriza outras atividades em detrimento do violino, o que é contraditório, já que é a própria mãe quem determina os horários de estudo. Percebe-se a dificuldade da família em organizar o tempo e priorizar o estudo da filha no ambiente da casa:

Melissa: Tá. Depois... Como são recebidas as aulas de violino, da parte dela né. Se é por hobby atividade de lazer, compromisso? Como ela vê, assim, as aulas de violino?

Adriana: Ela vê como um compromisso.

Melissa: Se dedica?

Adriana: Né, não. Em casa ela não se dedica muito.

Melissa: Tá bem, hã...E onde é que ela estuda, assim, em casa, em que lugar? Ou se ela só estuda no IMBA?

Adriana: Ela estuda no Imba e em casa ela pega pouco [...]

Adriana: Mas quando ela pega ela pega sempre na frente do espelho, que eu coloquei na altura dela ali, que o professor disse pra ela treinar a postura na frente do espelho[M: É verdade] [...]

Adriana: Meia hora por... por semana é faz umas... umas duas vezes.

Adriana: É pouco, acho que ela tinha que se dedicar mais.

Melissa: Tá, então tá. E... tem alguma alteração, tipo, na tua rotina, da família ou... ou quem fica em casa com ela, assim, pra ela poder estudar ou violino? Ou ela vai estudando na hora que puder, assim?

Adriana: Não, a gente que termina o horário.

Melissa: Determina o horário [...]

Melissa: Mas tu não muda nada pra ela. Por exemplo, no horário que ela vai estudar tinha alguma coisa, então nós não vamos em tal coisa [A=não] para ela poder estudar

Adriana: Não (Trecho da entrevista realizada com Adriana, mãe da aluna Sofia, 26 de setembro de 2016).

No desenvolvimento da aprendizagem da aluna, a mãe comenta que o espaço dividido com pessoas mais velhas dificulta o aprendizado teórico, pois os alunos mais velhos apreendem em um tempo diferente da Sofia e muitas vezes ela fica sem entender determinado conteúdo.

4.2 Categorias resultantes da análise dos dados

Esta seção foi subdividida em categorias sob as quais repousam as bases das entrevistas realizadas com o professor e a família das alunas, e também nas observações em torno das aulas de violino no instituto. As categorias apresentadas neste capítulo, com o intuito de organizar processualmente os dados analisados, se constituem em fontes de informação significativas para o desenvolvimento deste trabalho, dialogando com o referencial teórico que sustenta o mesmo. Consideramos as categorias como traços importantes para o ensino-aprendizagem da educação musical, pois são destaque na Metodologia Suzuki.

4.2.1 Desenvolvimento no estudo do violino

A postura pedagógica do professor pode influenciar positivamente ou negativamente o ambiente em sala de aula, e principalmente, a aprendizagem dos alunos envolvidos, entre alguns aspectos a destacar, se encontra a maneira em que o professor se dirige aos alunos, o modo de explicar os conteúdos, a postura que o professor adota para apresentar a aula e seus recursos, dentre outros. Especialistas em educação musical na primeira infância afirmam a relevância do respeito e “a atenção que se deve ter ao desenvolvimento natural da criança, de modo que ‘... não se podem determinar os interesses e capacidades dum criança com base nos interesses e capacidades dum adulto’” (BRASIL, 1998 apud GORDON, 2000).

Considero pertinente aqui destacar o pouco interesse da aluna Sofia pela aula, fato presenciado nas aulas que observei e que, ao parecer, não foi observado pelo professor:

[...] enquanto a aluna Lisiane fazia a aula, a Sofia ficava deitada no banco do piano como se fosse dormir, com preguiça. Não notei muita interatividade entre elas duas, e nem delas com o professor que apenas falou de coisas técnicas. (Observação de aula conforme diário de campo referente ao dia 4 de julho de 2016).

Cabe destacar que é muito importante para entender o porquê do desinteresse da aluna na aula, comportando-se de maneira passiva e inerte na sala de aula. O fato acima me fez lembrar a entrevista feita com a mãe da aluna a

qual menciona que o instrumento não foi primeira opção da filha e também das dificuldades físicas da criança que, em sua opinião, interferem no aprendizado do instrumento:

Melissa: Tu acha que a parte dela não escutar uma parte, influi nela aprender o violino?

Mãe: Acho que o violino em si não, porque ela ouve 50%, então ela ouve bem o instrumento [M: Ah sim] mas na aula de teoria sim. (Trecho da entrevista realizada com Adriana, mãe da aluna Sofia, 26 de setembro de 2016).

Parece que não há reconhecimento daquele espaço como um local de aprendizado pela aluna e, por isso, não há interação, o que gera desinteresse em aprender o instrumento, pois a aluna não se sente parte do processo de construção. Levando em consideração outros fatores ainda, tais como que a aluna não escolheu o instrumento e tem dificuldades auditivas, isso torna ainda mais desafiador o processo de ensino para o professor e o processo do desenvolvimento cognitivo para a aluna.

Essa sensação de ser parte importante do processo de aprendizagem que precisa ser construído no dia-a-dia é importante para que a atividade realizada produza efeitos nos alunos e atinja os objetivos do professor. Esse processo das alunas sentirem-se parte da instituição é facilitado a partir de experiências onde elas próprias constroem sua identidade escolar, ou seja, entender e perceber que elas são, ali naquele espaço e momento, construtoras de seu próprio conhecimento (LOPARDO, 2014, p.125).

Durante as aulas observei diversas vezes que o professor pedia para as alunas irem embora antes do horário da aula para estudar em casa, por não atingirem os objetivos em sala de aula, que seria completar o exercício todo sem erros, ou paradas, e também tocar com notas afinadas, denotando que ali não é o lugar de estudo, de treino, de aprendizado. Outro fato que observei estava centrado no professor e a sua modalidade de dar aula, realizando cortes, saindo da sala para ocupar-se de outros assuntos, o que interferia diretamente no desenvolvimento da mesma.

O encontro dessa identidade escolar passa pelo conceito de lugar e não-lugar estudado pela área da Geografia. De acordo com essa ciência, a sociedade cria, e cada vez mais, o que se chama de não lugares, que são espaços de não-

permanência, mas somente de circulação. Reafirmar particularidades fica muito difícil em um mundo acelerado com relação ao tempo em que se ocupa num espaço. Diante de uma escola que tem como alunos e professores pessoas que emergem de uma sociedade com essa configuração, cumpre conhecer esse conceito de lugar e não lugar para compreendermos porque se dá essa dificuldade de apropriação do espaço escolar e de improdutividade no ambiente da sala de aula:

O não-lugar não constrói laços tradicionais de identidade, mas relações pragmáticas com indivíduos tomados como clientes, passageiros, usuários, ouvintes. O lugar enraíza e identifica, fortalecendo a dimensão gregária; o não-lugar desterritorializa e permite particularismos, possibilitando a dimensão solitária e autista do indivíduo. O lugar fortalece os sentimentos de pertencimento a algo que lhe é exterior e anterior, a cultura, as tradições, a nação – espaço da memória enraizada. O não-lugar, ao desterritorializar a experiência do indivíduo, institui a própria possibilidade e a necessidade de voltar-se sobre si próprio, abrindo possibilidades para a configuração da subjetividade. O não-lugar é o espaço da identificação, atrelada a descontinuidades e deslocamentos que marcam a experiência social dos sujeitos contemporâneos (GOMES apud LOPARDO, 2014, p. 125-126).

O depoimento do professor de que os alunos devem ser retentores do próprio conhecimento dele aliado à uma linguagem de ordens e desordens, só tende a fortalecer a falta de envolvimento das alunas no processo de construção da própria aprendizagem. Este seria um momento propício para o professor motivar, estimular as capacidades, gerar de forma lúdica o despertar do aluno para a socialização e construção em conjunto do aprendizado.

Sendo assim, o professor não deve “trabalhar a música com crianças visando à alta performance e a padronização da voz ou do comportamento, mas sim, visando o estímulo ao desenvolvimento de suas capacidades, especialmente através de atividades lúdicas” (BRASIL, 1988, p. 283).

No depoimento do professor Marcelo, ele declara:

Marcelo: A maior dificuldade no ensino??

Melissa: É. As maiores. Né.

Marcelo: Eu acho que a maior dificuldade é o/ é a falta de comprometimento, eu acho que essa é a/ [é verdade] eu acho que essa é maior dificuldade porque o aluno interessado né/ ele... ele sempre se esforça e sempre dá um passo a frente. Eu acho que a gente ensina, não para formar grandes músicos né. Mas às vezes pra... pra alegrar a vida das pessoas. A pessoa tem uma paixão por aquilo. E eu acho que desde que ela esteja interessada realmente. Se ela se compromete e estuda, ela sempre vai avançar

um pouco [sim] Então eu acho que o maior obstáculo é a falta de comprometimento (Trecho da entrevista realizada com o professor Marcelo, 23 de setembro de 2016).

Conclui-se que, além de competências técnicas para ensinar, o professor deve estar apto para buscar conhecimento para si mesmo, “atualizar-se em novos saberes e estratégias, garantindo assim”, o melhor desempenho profissional possível (BETTI, 2013, p.110).

4.2.2 Espaços e tempos de aprendizagem

Observei durante uma das aulas que o professor estava incomodado com a produtividade da aula o que influenciou diretamente no desempenho das alunas, que ficaram constrangidas e desmotivadas com as críticas por não terem escutado o áudio indicado para estudo do Método Suzuki:

Então ela foi para o Suzuki, novamente no Minueto da aula passada, O professor perguntou se ela tinha escutado o áudio, e ela respondeu que não, Eu notei no rosto dele a indignação, eledisse “mas como não, assim não adianta de nada” [...] Notei que neste dia o professor estava um pouco irritado, não sei o motivo, mas que influi diretamente na aulas das meninas, pois as deixou constrangidas e desmotivadas para fazer os exercícios. Elas são muito tímidas e não respondem nem perguntam nada para ele. Talvez possa ser medo da reação que ele teria (Observação de aula conforme diário de campo referente ao dia 11 de julho de 2016).

Da mesma forma, constatei durante a observação em campo que as alunas buscam uma interação com o professor. Lisiane é muito tímida e a Sofia tem problemas auditivos, no entanto o professor exalta a voz com as meninas no momento da explicação, batendo de forma insistente na mesa para fazer a marcação dos tempos da música.

[...] Então a Sofia fez o exercício e se enganou um pouco quanto aos tempos das notas. Ele pediu para que repetisse e ele foi batendo com o pé e contando os tempos para ela, nesse momento ela fez corretamente todo o exercício. Foi quando ele tocou junto com ela uma segunda voz para professor fazer com aluno, e ela continuou se atrapalhando com os tempos, não conseguia acertar determinados compassos, e ele começou a bater bem forte o pé para que ela ouvisse e contasse, mas mesmo assim estava difícil pois ela

não mais conseguia fazer a lição, e ele começou a gritar com ela em alto tom de voz, “Sofia conta os tempos menina, eu tô batendo aqui pra ti”, e a aluna assustada com os gritos dele só piorou e não conseguia de jeito algum (Observação de aula conforme diário de campo referente ao dia 11 de julho de 2016).

Neste sentido, como observa Ezpeleta&Rockwell:

A escola, como espaço socio-cultural, é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. Fruto da ação recíproca entre o sujeito e a instituição, esse processo, como tal, é heterogêneo. Nessa perspectiva, a realidade escolar aparece mediada, no cotidiano, pela apropriação, elaboração, reelaboração ou repulsa expressas pelos sujeitos sociais (EZPELETA&ROCKWELL, apud DAYRELL, 2000p.2)

É preciso adquirir uma postura de motivação e incentivo ao aluno mesmo quando há necessidade de cobranças com relação ao estudo, para que haja, efetivamente, uma transição dos modelos antigos de aprendizagem, onde a escola era somente uma instituição de normas e regras, para um modelo de escola que possui relações sociais entre sujeitos que se envolvem em conflitos e em acordos, como uma ação recíproca no qual o aprendizado é construído.

Dessa forma, no processo de ensino e aprendizagem há de existir uma relação contínua de construção do aprendizado entre professor e aluno, onde haverá conflitos e serão necessárias negociações em função das circunstâncias novas que se lhes apresentam todos os dias. Ou seja, não existe um detentor e um retentor do saber, mas sim, um espaço que é institucionalizado, possui regras, normas. Quando nos voltamos para o contexto familiar, isso não se distingue: a família exerce o papel da educação.

No que diz a respeito da adequação da família ao tempo e ao espaço de aprendizagem da criança pude observar nas entrevistas que houve pouca ou nenhuma alteração na rotina familiar em relação a tempo um determinado tempo somente para o auxílio nos estudos em torno da aprendizagem das crianças. Em entrevista com a mãe da aluna Sofia, ela relata que não há modificações na organização dos espaços e horários de estudo em casa.

No mesmo sentido, a mãe da Lisiane afirma que nada mudou na rotina familiar em torno do espaço e tempo de estudo da filha, bem como parece achar adequado o pouco tempo de estudo que a filha tem, que são 30 minutos, divididos com brincadeiras e dispersões, entretanto, acha que a dificuldade da filha está no pouco treino:

Melissa: Sim, nos afazeres dela/ Tá... Hm... Ó. Vou te fazer a pergunta como é, pra ti entender, mas acho que tu já me falou./Hã... Quais as alterações que ocorrem na rotina familiar em função da atividade dela, de estudo assim?

Vera: Nenhuma, Nenhuma. Tranquilo/ Algo assim como... hã... escovar os dentes.

Melissa: Tá inserida no meio da rotina.

Vera: Tá, não é nada pesado, nem leve, nem... É normal.

(Trecho da entrevista realizada com Vera, mãe da aluna Sofia, 21 de setembro de 2016).

As mães das alunas relataram que não há alteração na rotina para que as filhas estudem, no sentido em que elas não deixam seus afazeres para que possam ajudar as filhas, geralmente o estudo se dá em um momento que a família está em casa sem nenhum compromisso, em horas vagas. Sendo assim, há de existir alterações nesse ambiente familiar, qualquer que seja a configuração da estrutura familiar, pois tanto as crianças como a família e a escola estarão em plena mudança postas às reformulações como educadores (BÓLICO, 2014).

4.2.3 Métodos utilizados

Uma das ideias que Suzuki propõe é que a música faça parte do ambiente da criança desde pequena, como ocorre com a língua materna, assim ela aprenderá com naturalidade. Para ele, todos têm o potencial de desenvolver a música, mas é preciso que ela seja parte do seu meio e os “agentes da musicalização” sejam seus próprios pais (FONTERRADA, 2005, p. 153).

Outra concepção desenvolvida por ele é que o “talento” não é uma possibilidade apenas para excepcionais. Todos precisam ser treinados a praticar e estimular suas capacidades, repetindo suas habilidades, até que a competência seja construída, aconteça naturalmente (SUZUKI, 1994). Dessa maneira, na

instituição objeto de pesquisa, o método não é implantado com este intuito pelo professor usando apenas como forma de complementar com os outros métodos utilizados, como diz sua fala:

Quando eu vejo que o aluno já tem uma certa habilidade, também com o dedilhado, em seguida, muito em seguida, Mas depende do aluno também, A gente já introduz o Suzuki[...]que já começa com dedilhado, com a primeira musiquinha[...] (Trecho da entrevista realizada com o professor Marcelo, 23 de setembro de 2016).

Isto significa que na sua modalidade de aula o professor usa o método mais como um auxiliar no aprendizado de violino, descontextualizado de uma das suas principais filosofias que é o estímulo à “execução de ouvido”. A leitura só deve ser iniciada quando a criança “tiver a postura adequada ao tocar e dominar sua concentração completamente, para poder dedicar atenção à afinação e à qualidade sonora sem perder a habilidade de execução” (FONTERRADA, 2005, p.157).

Os principais elementos da proposta pedagógica de Suzuki são a imitação, a memorização, o estudo em grupo e a participação da família como uma das condições sociais que interferem no aprendizado musical, conforme o professor também utiliza:

Seria uma... uma... digamos, uma sequência do... do aprendizado né. [Sim]. Que teria aula individual e depois a sequência com aula coletiva. Todos tocando juntos [Tá] formando uma orquestra de estudantes né (Trecho da entrevista realizada com o professor Marcelo, 23 de setembro de 2016).

Pesquisas feitas pelo Suzuki reforçam que o esforço pela prática musical durante um tempo considerável pode aperfeiçoar a habilidade. Cabe ao professor de ensino musical perceber o quanto de tempo seu aluno precisaria para chegar ao nível de excelência que deseja, já que este tempo é variável de uma pessoa para outra (SALES, 2013). Dessa forma, é importante a presença de um professor como mediador para a construção da habilidade musical e autonomia onde residam artifícios de memorização capazes de reter, fixar e relembrar informações recebidas.

A memorização é outro aspecto relevante considerado por Suzuki em seu método, a ser desenvolvido com auxílio do ambiente e de pessoas envolvidas no processo. Frequência de revisões interfere no aprendizado. Entretanto, não se

tratam de simples e exaustivas, mas de repetições feitas de forma espaçada e em diferentes períodos de tempo (SALES, 2013). A repetição é um recurso que favorece a memorização e vai internalizar no aluno os conteúdos concedidos pelo professor. E é exatamente o que acontecia nas aulas das alunas, o professor com o intuito de facilitar a aprendizagem das aulas, pedia para que elas repetissem várias vezes, não somente exercícios do Suzuki, mas de todos os métodos abordados por ele. Notei que algumas vezes essas repetições se tornavam cansativas não havendo um resultado notório e não atingindo seus objetivos de aula. Neste sentido, para Suzuki a memória deve ser treinada e cultivada:

A capacidade de memorizar é das mais importantes na vida e dever ser inculcada profundamente [...] Quem não pratica o suficiente, não pode adquirir habilidades. Somente o esforço que realmente assumimos traz resultados. Não existem atalhos (SUZUKI, 1994, p.92).

Desta maneira, para ele, o aluno deve ser estimulado a encontrar prazer na memorização. Neste momento é que as pessoas envolvidas no ambiente de aprendizado, como o professor e pais, têm função relevante na criação de uma esfera de estímulos positivos.

O terceiro ponto de relevância no Método Suzuki é o estudo em grupo. O aluno aprende a tocar um instrumento com a prática frequente, mas sempre num meio que o estimule, com acompanhamento adequado da família e motivado pela audição das músicas que compõem o método. Shinichi Suzuki obteve êxito na tarefa do ensino coletivo de violino, o que antes era considerado um instrumento menos apto para a iniciação musical:

Através de uma prática pedagógica intensiva, que desenvolve em seu país natal e que logo se difunde por numerosos países europeus e americanos, confirma a vigência de sua tese sobre a importância que tem a educação musical da criança e de seu ambiente sonoro, que centralizará na figura da mãe - segundo se afirma - deve participar ativamente com a criança nas experiências e na aquisição de conhecimentos musicais (SALES, 2013, p. 225).

Uma das mais importantes características do ensino coletivo é o estímulo e o espelhamento ou imitação, quanto às superações de limites e possibilidades a serem atingidas. Assim, o estudo em grupo motiva tanto assistir outras crianças tocando quanto o tocar junto com elas:

Outra característica importante da abordagem de Suzuki é o papel da coletividade no desenvolvimento das habilidades do aluno. Para que as crianças se mantenham motivadas, é importante que elas tenham oportunidades não apenas de assistir a outras crianças tocando, mas também de tocar com os outros alunos (ILARI; MATEIRO, 2012, p.202).

Uma das questões suscitadas na entrevista com o professor foi em relação ao método empregado em suas aulas e sua implementação. O professor respondeu que utilizava um livro que ele conheceu quando foi aluno o qual desenvolve exercícios de cordas soltas:

Melissa: Então. É... Professor Marcelo do Imba. Quais são os métodos usados no ensino de violino aqui? E como é que tu implementa eles?

Marcelo: Bom. Os métodos/ Os primeiros métodos que eu uso... Marcelo: Então eu começo com um livrinho que utiliza corda solta. Dois violinos, tem uma parte do professor, que acompanha o aluno. Né. É de uma autora inglesa chamada Sheila Nelson... E esse método eu conheci através de uma professora inglesa que passou por aqui. Ela era esposa de um missionário aqui da igreja do Crucificado, que é uma igreja anglicana. E eu fiz aula com ela, e foi assim que eu conheci esse...esse método da Sheila Nelson, essa autora, ela tem... depois pesquisando (Trecho da entrevista realizada com o professor Marcelo, 23 de setembro de 2016).

Demonstrando sua preocupação com o desenvolvimento do aluno, pois este método é o primeiro abordado pelo professor por ser mais didático, segundo ele, que facilita a leitura e a execução, pois na maioria dos exercícios introdutórios ele trabalha com cordas soltas, até que o aluno consiga chegar a um nível que já se consiga utilizar os primeiros dedilhados. Também mencionou que adotava o método para ensino individual e, depois que o aluno atingisse certo domínio técnico, ele introduzia o método Suzuki. Em seguida, o professor implementava outro livro de escalas inglesas e, após esse recurso, utilizava o método Flesch, sobre o estudo das escalas:

Então eu começo com esse método há... depois que eu vejo que o aluno tem um certo domínio de arco, consegue tocar as cordas, é... de forma isolada né. Com uma certa que ele consegue uma angulação certa, domínio do arco. Ai a gente já começa com o dedilhado. No próprio, nesse próprio método da... da Sheila Nelson, que começa com cordas soltas, ela apresenta um dedilhado [...] um esquema de escala lá em Santa Maria, na universidade com uma professora que... Que é baseado no escala do, do Flesch que é um professor bem... [Conheço] conhecido assim. Que tem um método bem...bem

utilizado até né [tá], na tradição do Flesch, mas com a revisão do Rostal, que foi aluno do Flesch, e que fez algumas modificações e algumas inovações, assim, dentro do... do...do sistema de escalas do Flesch, né. (Trecho da entrevista realizada com o professor Marcelo, 23 de setembro de 2016).

Foi observado que a instituição permite a escolha livre de metodologias de ensino por parte dos professores, sendo assim, o professor acaba selecionando pessoalmente o método de estudo de seus alunos, que é formado a partir de sua própria experiência como aluno, como ele mesmo menciona nas entrevistas. Esse é um dos aspectos prejudiciais à qualificação do instrumentista de cordas no Brasil, mencionado por Scoggin (1993), ou seja, a indisponibilidade no ambiente das próprias escolas de músicas de métodos adequados ao desenvolvimento dos estudos na área musical, denotando que o ensino sistemático é eventual ou esporádico na formação integral de seus alunos.

Encontramos diversos desafios para implementação da Metodologia Suzuki na nossa realidade educacional e cultural. É exatamente por isso que existe a necessidade do professor repensar a forma de sua utilização nas aulas de violino, no sentido de adequar os princípios do Método à realidade sócio familiar do aluno.

4.2.4O papel da família

Como vimos, as condições sociais interferem no aprendizado musical. Elas podem contribuir no aprimoramento da prática do instrumento, de forma a aperfeiçoar o aprendizado do aluno. Nesse sentido é que, em sua abordagem, Suzuki concede valor ímpar à participação dos pais ou familiares no desenvolvimento da aprendizagem do aluno:

A prática instrumental é estimulada desde cedo e é mediada pelo professor e pelos pais que se inserem no método como potenciais corresponsáveis pelo sucesso na aprendizagem. Assim, se forma o triângulo Suzuki: pais-aluno-professor, onde há uma parceria e uma postura ativa dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (SALES, 2013, p. 223).

No mesmo sentido:

Suzuki aconselha professores e pais a nutrir suas crianças e alunos em uma atmosfera de amor, construindo a autoestima com constante paciência, tolerância, oferecendo elogios e reforçando positivamente estes ideais. Sua proposta não é transformar alunos em profissionais de carreira, mas enriquecer suas vidas através da apreciação de boa música e torná-los seres humanos sensatos, sensíveis e pacíficos (BARBER, apud SALES, 2013, p. 223-224).

Desta forma, alunos podem ser educados por meio do ambiente social em que estão inseridos. Por isso, os pais desempenham um papel decisivo no desenvolvimento da linguagem e habilidade musicais de seus filhos. Eles são agentes estimuladores em potencial, são as pessoas que reúnem as melhores condições para expor a criança à um meio que lhe favoreça o aprendizado desde muito cedo. Uma das formas em que as famílias poderiam estimular seus filhos seria acompanharem as crianças nas aulas ou procurar professores interessados no desenvolvimento musical a partir de métodos que usam esta premissa. Isso não parece ser uma prática comum, de acordo com o depoimento do professor em entrevista, o qual relata que os pais raramente estão presentes nas aulas de violino:

Melissa: Mas aqui, nas aulas. Não vem alguma mãe saber, algum pai acompanhar a aula. Vê como é que tá indo. Ou não? OU mais assim, tu manda o aluno em casa [não].

Não muito

Marcelo: Não, não vem.

Melissa: Então falta um pouco de interesse [é]. Então vou te agradecer. Eram essas as perguntas. Brigada pela contribuição (Trecho da entrevista realizada com o professor Marcelo, 23 de setembro de 2016).

Entretanto, em seus depoimentos os pais refletem o desejo de que seus filhos se desenvolvam musicalmente e os apoiam verbalmente:

Vera: Daí, terminou ali, os três anos que eles oferecem na igreja e eu digo: “Lize, queres ir para o Imba?” dai ela...

Melissa: Foi

Vera: Foi para o Imba, mas é a título assim ó: de conhecimento, educação/ [Cultura= M:cultura] em relação a música. É o que eu quero, aquilo ali pra ela. Quero que seja pra/ pra daqui adiante, quando ela entender, um hobby, um lazer uma coisa para se descontrair.[...]

Melissa: Tá e... eu ia te perguntar como que a Lisi organiza esse tempo de... de estudo, mas tu acabou de me dizer né?

Vera: Não, regrado e coisa. Eu só digo: “Lisi, amanhã tem aula” [Vamo dar uma repassada = M: Tu precisa lembrar ela? =] Sim, ela tem doze anos ainda [...]

Vera E muitas vez aparece coisa ali na tv e ela diz: “ Mãe, isso que eles tão fazendo é assim-assado”... e eu digo “Mas, é mesmo”. Eu concordo/ Eu sou leiga, mas eu dou assim, como se tivesse entendido também né? (Trecho da entrevista realizada com Vera, mãe da aluna Sofia, 21 de setembro de 2016).

Embora os pais não sejam responsáveis pelo que o filho irá se tornar, é necessário que se adaptem ou redirecionem a educação dos filhos em função daquilo percebem a respeito das habilidades da criança. Por esse motivo é que os pais devem buscar diariamente incentivar e reorientar os filhos na direção de suas habilidades, de suas capacidades, de seus sonhos, para que nos contatos que encontram durante a vida e nos ambientes à que estão expostos, esse aprendizado seja aproveitado e não perdido.

Em seu livro *Educação é Amor*, notamos aquilo que ele percebe como o ideal do método de ensino de um instrumento:

Embora aceitemos crianças muito pequenas, a princípio não deixamos tocar o violino. Primeiro ensinamos a mãe a tocar uma peça de tal maneira que ela possa ser uma boa professora em casa.
A criança, inicialmente, só pode ouvir a peça tocada num disco. As crianças são, na verdade, educadas em casa. E então, para que possa ensinar uma boa postura e uma atitude correta em relação à prática é indispensável que

a mãe receba as informações de primeira mão. Disso depende toda a educação certa. Um princípio básico importante: é só deixar que a criança toque uma música, quando a mãe já souber tocar. Porque, embora a mãe possa deixar o filho tocar, a criança de três ou quatro anos ainda não sente muito estímulo. Ela deve ser levada a pensar: Eu também quero tocar (SUZUKI, 1994, p. 85).

Pais ou responsáveis pela criança seriam, então, facilitadores e condicionadores do aprendizado musical na vida das crianças, pois são os indivíduos mais próximos e mais frequentes na vida das crianças pequenas. Atualmente é difícil encontrar familiares, sejam pais ou quaisquer outros, que disponham de seu tempo para aprender a tocar um instrumento musical no intuito de ser o agente educador de seu filho. Dessa forma, as importantes tarefas de elogiar, incentivar, proporcionar um ambiente agradável onde a criança se sinta confiante e capaz passam pelo professor, requerendo uma nova postura frente à este desafio.

A ideia da participação da família durante o aprendizado do instrumento por seus filhos foi suscitada em entrevista com as mães das alunas desta pesquisa. As perguntas instigaram a responderem questões pertinentes ao interesse das famílias no estudo dos filhos, as quais englobam desde o incentivo ao engajamento no estudo em casa, ou seja, frequência, espaços, tempo, tudo o que envolve alterações da rotina familiar em torno da organização do tempo de estudo.

A família é um fator socializador na medida em que influenciará a construção do processo de ensino-aprendizagem da criança. Apesar da observação feita pelo professor ao mencionar que os pais não comparecem na instituição, o que denota um desinteresse no aprendizado dos filhos, os pais buscam dentro dos limites do ambiente familiar uma adequação para facilitar o estudo dos seus filhos.

A mãe da aluna Lisiane relata que incentiva verbalmente à filha durante ensaios em casa e que compra materiais solicitados pela instituição, demonstrando apreciação e participação no aprendizado da filha:

Vera: E muitas vez aparece coisa ali na tv e ela diz: “ Mãe, isso que eles tão fazendo é assim-assado”... e eu digo “Mas, é mesmo”. Eu concordo/ Eu sou leiga, mas eu dou assim, como se tivesse entendido também né?

Melissa: Claro, para incentivar.

Vera: Para incentivar, exatamente (Trecho da entrevista realizada com Vera, mãe da aluna Sofia, 21 de setembro de 2016).

Dessa maneira, em seu método está inserida a total colaboração dos pais, que devem engajar-se na aprendizagem, estendendo-a ao ambiente familiar, motivando afetivamente o aluno, colaborando, assim, com o professor para conceder sentido ao ensino. É interessante salientar que Suzuki propôs muito mais que a renovação da metodologia tradicional de sua época. Além de ensinar a tocar um instrumento ele desejava inserir valores sociais e motivar as famílias a reconstruírem-se, naquele contexto de pós-guerra e de um país destruído, tendo como veículo para isso seu método. Nesse ambiente é que a família é chamada a envolver-se, a fim de aproximar à realidade o ensino musical.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a contribuição que os métodos ativos trouxeram no desenvolvimento musical das alunas observadas, tais como: resultados positivos nos aspectos de memorização, valorização da coletividade, aperfeiçoamento de habilidades e trocas entre professor e aluno, volto o olhar para as propostas do Método Suzuki que, percorrendo o caminho inverso dos métodos tradicionais, propõe um modo diferente de conduzir o ensino e aprendizagem da linguagem musical, tomando como ponto de partida a formação do vínculo com o instrumento através da prática, da participação positiva e influenciadora da família aliada à uma instituição com características sociais e culturais além daquelas pragmáticas.

Por isto mesmo é que a pesquisa em torno da qual o tema se fundamenta traz importantes contribuições para alunos que desejam desenvolver habilidades no instrumento, seja por prazer ou para um desempenho profissional, assim como para educadores, professores, familiares e mestres, que estão envolvidos diretamente neste processo de construção do saber musical.

Durante o levantamento dos referenciais teóricos, da pesquisa de campo com as observações em sala de aula e entrevistas com o professor e famílias de alunos, pude notar que a dificuldade no aprendizado está muito mais associada aos valores universais, lembrando Suzuki, como respeito, consideração, amor e cuidado à criança do que à pragmatismos, regras, normas, controles institucionais e hierarquização. Neste sentido, este método é de importância, pois ele resgata esses valores universais, apropriados para qualquer lugar, época e contexto social ou cultural porque promovem um ambiente que forma um caráter que preserva a criança ou o aluno do prejulgamento a respeito de suas aptidões, habilidades e capacidades, propiciando a segurança pelo apoio e pelo afeto.

É fato que não se pode negar que o processo de adaptação referente ao ensino da prática musical norteia a prática docente. Habilidades são refinadas num ambiente estimulante e por meio de uma instrução adequada que inclui consideração, respeito e incentivo. Conforme Fonterrada (2005), a respeito das ideias de Suzuki, professores que demonstram receio de passar seus ensinamentos aos outros, não crescem como pessoas e nem como profissionais, portanto, é preciso ser pródigo e compartilhar de ideias para, assim, melhorar a sua própria prática

e o desenvolvimento dos seus alunos, tendo o docente um papel decisivo nesta tarefa. Para além destas características necessárias ao perfil do professor é fundamental estimular o estudo em casa, independente do professor, mas desde que se sintam capazes de criar meios próprios de reconhecer suas possibilidades.

Falta às alunas envolvidas nesta pesquisa não somente a prática musical, mas os valores que a habilitam ao aperfeiçoamento, tais como, disciplina, empenho, incentivo positivo, inconsciente e direcionado da família, como ressalta Suzuki, para que as alunas se reconheçam como sujeitos ativos em seu processo de aprendizagem e saibam se relacionar com seus colegas e professor. As observações possibilitaram identificar as necessidades das alunas em sala de aula, centradas na tarefa de unir aos aspectos formais de leitura e escrita a condução dos estudos de forma independente criando seus próprios recursos. Está claro que no Método Suzuki está inserida a total colaboração dos pais, que devem engajar-se na aprendizagem, estendendo-a ao ambiente familiar, motivando afetivamente o aluno, colaborando, assim, com o professor para conceder sentido ao ensino.

Outro aspecto de relevância, muito valorizado pela metodologia Suzuki e desenvolvido nas aulas observadas em campo é o aproveitamento que o ensino coletivo, mesmo sendo ele em duplas, pode trazer para aprimorar as habilidades das alunas como, por exemplo, a memorização. O fato de o professor ter duas alunas em sala de aula é uma oportunidade para estimular o que chamamos de espelhamento ou imitação, que é uma das características mais importantes do ensino coletivo, situação em que o aluno adquire aprendizado por meio do ambiente sonoro, numa troca de experiências por imitação, onde sua mente é estimulada a evocar e reconhecer um conteúdo já ouvido. Isso ajuda a alunas a perceberem suas limitações e as incentiva quanto à superação das suas próprias limitações. Para que as crianças se mantenham motivadas, é importante que elas tenham oportunidades não apenas de assistir a outras crianças tocando, mas, também, de tocar com os outros alunos. Assim, o estudo em dupla motiva, tanto o assistir outra criança a tocar quanto o tocar junto com ela. É importante que os pais e o professor se unam nessa tarefa de estímulo às crianças, inserindo-se como partes potenciais do método, como corresponsáveis pelo sucesso na aprendizagem.

Na realização desta pesquisa pude aprimorar meus conhecimentos e conhecer a rotina tanto em sala de aula, quanto no ambiente familiar das crianças, e como isso muda e influencia o seu desenvolvimento em diversas áreas, bem como,

apreender as alternativas encontradas por professores e familiares para superar obstáculos em relação ao estudo do violino. Como pesquisadora iniciante tive as mais diversas impressões após realizadas as entrevistas e as observações em sala de aula. Ora, depoimentos que conferem com a prática, ora práticas desalinhadas de depoimentos concedidos. No que diz respeito às aulas nos quatro dias de observação foi percebida a necessidade de fortalecer os exemplos de disciplina – em termos de domínio do grupo – e apropriação do espaço de construção do conhecimento por parte do professor. Também é preciso uma aproximação das alunas no que se refere à motivação ao desenvolvimento das capacidades durante a relação ensino e aprendizagem. Uma “cobrança” mais amorosa, paciente, procurando minimizar os aspectos de conflito, de forma que isto não se torne um fator de afastamento entre professor e aluno. Ou seja, para que o resultado seja o alcance dos objetivos, de forma paulatina, e não condicione alunas temerosas ou reticentes quanto o desenvolvimento das suas habilidades.

Como uma das contribuições desta pesquisa, ressalto a necessidade de realizar futuras investigações que contribuam para a análise e compreensão das pedagogias musicais na contemporaneidade. Neste sentido, é importante lembrar que, embora Suzuki seja um método difundido e consagrado, a diversidade cultural educacional e social dos alunos deve ser considerada como parte integrante da sua formação. Propostas que consideram a experiência musical a partir de diversas vivências entendem a educação musical como um elemento de inclusão e não somente privilégio de poucos. É necessário ressaltar que os usados métodos devem ser contextualizadas de acordo com a realidade e os anseios dos alunos aos quais se ensina o método.

REFERÊNCIAS

AGRIA, Cristiane; HOÇA, Lilamar. **Tempo, espaço e aprendizagem**. Universidade Católica do Paraná, 2002.

ALMEIDA, Rebeca. **Desenvolvimento musical de crianças: uma experiência com alunos de uma escola de educação infantil**. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

ÁVILA, Marli. **Métodos Ativos (III) – Suzuki, Martenot, Ward**. Universidade Anhembi Morumbi, 2006.

BETTI, Leilane; SILVA, Deise; ALMEIDA, Flávio. **A importância da música para o desenvolvimento cognitivo da criança**. Faculdade das Américas, 2013.

BÓLICO, Regina. **Aprendizagens musicais em família: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS MUSICAIS DOS IRMÃOS BÓLICO**. Santa Maria, 2014.

BOSSA, DRA. N. A. "Do nascimento ao início da Vida Escolar: o que fazer para os filhos darem certo?" in Revista Psicopedagogia. Vol. 17, São Paulo, Salesianas, 1998.

BOZZETTO, Adriana. **Projetos Educativos de Famílias e Formação Musical de Crianças e Jovens em uma Orquestra**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós - Graduação em música: área de concentração Educação Musical, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CERQUEIRA, Daniel Lemos. **Proposta para um modelo de ensino e aprendizagem de performance musical**. Opus, Goiânia, 2009.

DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sócio-cultural**. UFMG, 2000.

FERREIRA, Sofia. **Iniciação ao violino partilhada por pais e filhos**. Universidade de Aveiro departamento de comunicação e arte, 2012.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. 2. ed. UNESP, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=OvaAWfeAbCYC&pg=PA159&lpg=PA159&dq=considera%C3%A7%C3%B5es+sobre+o+método+Suzuki&source=bl&ots=jnGauGbc1n&sig=ri48NrtM4K4AvdlTWw5DL1YaW_0&hl=pt>. Acesso em 5 de setembro de 2016.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3. Ed.. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HANK, Vera. **O espaço físico e sua relação no desenvolvimento e aprendizagem da criança**. UNIASSELVI, 2006.

ILARI, Beatriz; MATEIRO, Teresa. **Pedagogias em educação musical**. Editora Intersaberes; 2012.

LOPARDO, Carla Eugênia. **A inserção da música na escola: um estudo de caso em uma escola privada de Porto Alegre**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em música: área de concentração Educação Musical, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

MACHADO, Tiago. **Influência da Família no Processo de Ensino Aprendizagem**. Disponível em: <<http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/Influ%C3%Aancia-da-Fam%C3%ADlia-no-Processo-de-Ensino-Aprendizagem---.aspx>> Acesso em 15 de agosto de 2016.

MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, Antônio. **O estudo de caso como estratégia de investigação em educação**. EDUSER: revista de educação, Vol 2(2), Bragança, Pt 2010.

OLIVEIRA, João; Morato, Cintia. **De pais pra filhos: ensino e aprendizagem musical na relação entre pais e filhos**. NATAL-RN; 2015.

PORTILHO, Evelise; HOÇA, Lilamar. **Repensar o tempo e o espaço no dia-a-dia da escola**. Curitiba, 2005.

SALES, Maria Betânia Medeiros Maia. **A Influência da utilização da repetição como artifício mnemônico no processo de ensino aprendizagem musical pelo método Suzuki**. In. Anais do XXI Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Música. Recurso Eletrônico. Associação Brasileira de Educação Musical, organizadora. João Pessoa: Ed. Da UFPB, 2013. (p. 219 – 228)

SALLES, Mariana. **Proposta de ensino para professores Suzuki** - com inclusão de princípios dos métodos de Paul Rolland, KatóHavas e da pedagogia Waldorf. ABRAPEM-UFES-FAMES, 2014.

SANTOS, LaryceRhachel Martins; ROCHA, Ewelter de Siqueira; GIFONI. **O ensino musical na escola: considerações sobre a aplicação do Método Suzuki nas aulas de musicalização**. Fortaleza, 2014. 14 p. Artigo Científico. Universidade Estadual do Ceará. Disponível em: www.enforsupunb2015.com.br/congresso/files/artigo/1426289588.docx. Acesso em 01 nov. 2016.

SCOGGIN, Gláucia. **A pedagogia e a performance dos instrumentos no Brasil: um passado que ainda é realidade**. UniversityMicrofilmsInternational; 1993.

SILVA, Edna. **Influência da família na vida escolar dos alunos**. Ensino em revista; 1998.

SOUZA, Jusamara. (Org.) **Aprender e Ensinar música no cotidiano**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

STAKE, R. E. **Investigación con estudio de casos**. Madrid: Morata, 1999.

SUZUKI, Shinichi. **Educação é amor**: um novo método de educação. Trad. Anne Corinna Gotter. 2. ed. Rev. e Corr. Santa Maria. Rio Grande do Sul: Gráfica Pallotti, 1994.

Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – **Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS**. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a),

Solicitamos sua participação voluntária no projeto de pesquisa intitulado “O ensino de violino a partir da abordagem metodológica de Suzuki: O lugar da família”, realizada pela aluna Melissa Gonçalves Zambrano da Silva, do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. Este projeto pretende estudar a influência da família no aprendizado de violino na perspectiva da metodologia Suzuki. Os procedimentos adotados serão entrevistas individuais. Esta atividade não apresenta riscos aos participantes. Espera-se com esta pesquisa entender melhor qual a influência da família no aprendizado de violino, compreender a abordagem metodológica e a postura do professor no uso dos métodos de estudo de violino. Qualquer informação adicional poderá ser obtida através dos telefones (53) 81253286 ou (51)92885205. A qualquer momento, o senhor(a) poderá solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação. Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos, contudo, assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo de sua participação. Nomes e endereços e outras informações pessoais serão mantidos no anonimato a não ser que o (a) participante manifeste seu consentimento expresso de ser identificado (a).

() Uso do codinome: _____

() Uso do meu nome.

Aceite de Participação Voluntária.

Eu, _____, identidade nº _____ declaro que fui informado(a) dos objetivos da pesquisa acima, e concordo em participar voluntariamente da mesma. Sei que a qualquer momento posso revogar este aceite e desistir da minha participação, sem a necessidade de prestar qualquer informação

adicional. Declaro, também, que não recebi ou receberei qualquer tipo de pagamento por esta participação voluntária.

Pesquisador

Voluntário

Orientador